Do Fato ao Espetáculo: Sensacionalismo no Programa Metendo Bronca[1]

Byanka ARRUDA[2]
Universidade da Amazônia, Ananindeua, PA

Resumo

Este trabalho analisada a construção dos programas televisivos de cunho sensacionalista em Belém, tendo como objeto de estudo o programa Metendo Bronca. Quanto à metodologia aplicada, trata-se de um estudo de caso. Percebeu-se, a partir da pesquisa, a existência de diversas características do sensacionalismo presentes no objeto de estudo, sendo construídas a partir de estereótipos, linguagens e formatos tradicionais no telejornalismo brasileiro, surgindo, assim, a necessidade de repensar não apenas o conteúdo e a forma de apresentação das notícias nos programas sensacionalistas, sobretudo no Metendo Bronca, mas também a contribuição do programa e o papel de formador de opinião sobre a realidade social do telespectador enquanto cidadão.

Palavras-chave: Metendo Bronca; Sensacionalismo; Jornalismo; Notícia.

Introdução

A aparição do sensacionalismo na televisão, e no jornalismo, de maneira geral, não é recente. Ao contrário, remonta ao surgimento das primeiras tentativas de construir o que hoje se compreende como jornalismo. Caracterizado principalmente pelo apelo, pela apresentação exagerada da notícia em busca da audiência e em detrimento da qualidade da informação, o sensacionalismo sobrevive essencialmente da violência, do crime, do sangue, das mortes, dos escândalos e de todo acontecimento passível de maior impacto social, acrescido do modo espetacular de apresentar essas informações. Visualizado com mais facilidade nos programas e jornais populares, o sensacionalismo não é, contudo, exclusividade da programação destinada às classes mais baixas, estando presente em todos os veículos de comunicação, mesmo nos chamados veículos de referência, mas com menor intensidade e diferindo também na construção da narrativa.

[1] Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.
[2] Bacharela em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA), email: byankarruda@gmail.com

Em síntese, o sensacionalismo objetiva provocar emoções em demasia, resignificando o valor da informação.

Considerando os conceitos principais do sensacionalismo enquanto corrente teórica, esta pesquisa tem como objetivo central compreender os processos de construção de um programa sensacionalista, desde o conhecimento do fato à edição da reportagem e à apresentação do produto, tendo como objeto de estudo o programa Metendo Bronca. Conhecer a relação e métodos de interação com o público e o papel do apresentador são também objetivos deste trabalho. O programa Metendo Bronca é exibido pela emissora RBATV, afiliada à TV Bandeirantes. Surgiu no ano de 1998 e propõe linha editorial voltada sobretudo para a cobertura policial.

Para abranger os propósitos da pesquisa, escolheu-se o estudo de caso como procedimento metodológico a ser aplicado, dividindo a análise em técnicas próprias do método. Nesse sentido, foram feitas, além de extensas revisões bibliográficas, entrevistas com os profissionais que produzem o programa Metendo Bronca, além da observação direta da rotina dos envolvidos nesse processo de construção diária do conteúdo. Ao final, serão apresentadas as impressões pessoais obtidas através da pesquisa no que tange ao sensacionalismo praticado pelo programa Metendo Bronca.

Sensacionalismo: um formato que se repete

Enraizado desde o princípio da história da imprensa, antecipando os primeiros traços do que hoje seria o conceito fundamental dos meios de comunicação que praticam o jornalismo de espetáculo, o sensacionalismo[3] ainda está essencialmente relacionado à violência, ao exagero e ao uso da linguagem fundamentalmente rústica, popularesca. Embora parte das definições inicialmente elaboradas sobre a temática possa ser considerada ultrapassada em razão do avanço dos estudos nessa área, na prática, muito pouco se apresenta como novidade, especialmente na televisão, que repete antigas fórmulas de construção do telejornalismo popular.

Associa-se o gênero à exposição de fatos chocantes em busca da audiência, com prejuízo da qualidade da informação. Mas a delimitação do problema passa a ser hoje expandida e questionada, face à necessidade imperiosa de se atrair o consumidor do

[3] Significado da palavra: *Sensacionalismo: sm.* Divulgação e exploração de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. (Ferreira, 2001, p. 630).

produto notícia, uma vez que, independentemente do meio de comunicação, o propósito é sempre ser lido, visto, ouvido, comprado etc.

Márcia Amaral (2006) entende assim:

> O sensacionalismo ficou muito relacionado ao jornalismo que privilegia a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fotos chocantes, de distorções, de mentiras e da utilização de uma linguagem composta por palavras chulas, gírias e palavrões. (AMARAL, 2006, p. 22).

A autora explica ainda como a classificação de determinado programa se dá no contexto da violência e por quais razões todos os veículos podem, em geral, ser incluídos nessa categoria:

> O rótulo sensacionalista está ligado aos jornais e programas que privilegiam a cobertura da violência. Entretanto, o sensacionalismo pode ocorrer de várias maneiras. É possível afirmar que todo jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido e, consequentemente, alcançar uma boa tiragem. (AMARAL, 2006, p.20).

A diferença entre um veículo de referência e um popular está, portanto, principalmente na maneira como são apresentadas as notícias de cunho sensacionalista e se essas notícias se propõem a produzir, com mais ênfase, sensações no consumidor, com fim exclusivo do fascínio sobrepujando e deturpando o valor informação. Márcia Amaral explica que essa distinção surge a partir fundamentos básicos do jornalismo, somados à função primordial do sensacionalismo, que é a produzir sensações.

> A imprensa popular cria um modo próprio de lidar com os conceitos de verdade, realidade e credibilidade. Se a função do jornal é “fazer saber” e “fazer crer”, na imprensa popular o “fazer sentir” passa também a ser uma das atribuições do jornal (AMARAL, 2006, p.59).

Como a própria narrativa do sensacionalismo, que, segundo Márcia Amaral (2006) data desde o surgimento da imprensa, a história do telejornalismo brasileiro também é rica em aparições efêmeras de programas populares, e apresenta, há mais de 50 anos, o gênero policialesco, o denuncismo e o exagero, renovando personagens caricaturais e cenários, mas mantendo os mesmos traços típicos da corrente sensacionalista, principalmente no que tange à apresentação e à construção da notícia.

Márcia Amaral (2006) narra de forma breve a trajetória do telejornalismo brasileiro associado às peculiaridades do sensacionalismo, destacando exemplos de programas que são ícones do início da construção da história e referências do que ainda hoje é feito na televisão nacional.

Márcia Amaral (2006) organiza o relato em ordem cronológica, afirmando que o sensacionalismo surgia no Brasil já em 1954, com o programa "Tribunal do Coração", veiculado pela TV Tupi, que exibia fatos pessoais dos participantes. Posteriormente, no programa "O homem do sapato branco", de 1996, iniciou-se a exibição de reportagens policiais, sendo um dos pioneiros do gênero, transmitido pelas emissoras Globo e Record. Márcia Amaral define a década de 90 como o *boom* dos programas de caráter popular e enfatiza a relevância dos programas policiais da época para a elaboração dos modelos hoje produzidos, sobretudo os programas "Ratinho Livre" e o "Programa do Ratinho", ambos exibidos pelo SBT, o programa "Brasil Urgente", veiculado pela Record, e transmitido também pelo SBT, a partir de 1997, e o programa "Aqui Agora", sendo este último considerado marco da programação sensacionalista e policialesca brasileira, segundo a autora.

Os programas anteriormente listados não tiveram, no entanto, vida longa na televisão. A maioria perdeu significativa audiência e espaço após breves períodos de sucesso. A duração efêmera dos programas policiais sensacionalistas pode ser explicada, de acordo com Márcia Amaral, pela preocupação dos anunciantes em relacionar seus produtos com programas sensacionalistas.

> A hipótese para a decadência desses programas é o receio dos anunciantes em ligar suas marcas a programas policiais. Em comum, eles têm a cobertura da violência e da atuação policial, o denuncismo e toda a sorte de deslizes éticos que vão desde a cobertura de suicídios até a prévia condenação de supostos criminosos. (AMARAL, 2006, p. 47).

Em Belém, a história dos programas de televisão de cunho popular e sensacionalista também é extensa. O Metendo Bronca[4], por exemplo, foi ao ar pela primeira vez no dia 23 de dezembro de 1998. Exibido pela emissora RBATV,[5] popularmente conhecida como RBA (Rede Brasil Amazônia de Televisão).

[4] O programa Metendo Bronca é, segundo a descrição do site da emissora RBATV, um "programa policial que utiliza uma linguagem informal e dinâmica para interagir com o público".
[5] Emissora paraense afiliada à Rede Bandeirantes, do grupo Bandeirantes, em Belém do Pará.

Pertencente à grade direcionada às classes mais baixas da população e sendo marcadamente policial, o programa Metendo Bronca está há mais de dez anos no ar, o programa hoje é apresentado pelo jornalista Joaquim Campos[6] e exibido de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 14h40. Estruturado em cinco blocos, de oito a onze minutos cada, o programa é marcadamente caracterizado pela linha editorial relacionada a crimes, à violência e à polícia.

O programa surgiu a partir da transformação do programa Barra Pesada[7], que passou a ser, segundo o gerente de jornalismo da emissora RBATV Adil Bahia (2012, informação verbal) [8], "uma grande revista". A cobertura policial, antes direcionada ao programa Barra Pesada, é, a partir disso, deslocada para o programa Metendo Bronca:

> O Metendo Bronca surgiu da necessidade de se mudar a linha editorial do Barra Pesada, que desde sua criação, ainda na década de 80, tinha a linha editorial voltada para a cobertura policial. O Metendo Bronca tem uma linha editorial voltada para a cobertura policial. Assuntos voltados à segurança pública, assuntos voltados para a defesa do cidadão: tráfico de drogas, assalto com refém, sequestros, crimes, homicídios, latrocínio, esse tipo de reportagem dessa cobertura diária que está aumentando a cada dia, ela é voltada para o Metendo Bronca, que tem na apresentação um jornalista ácido, crítico, que demonstra toda a sua indignação com a atual situação dos números da violência que assolam a capital paraense e todo o Estado (BAHIA, 2012, informação verbal). [9]

De acordo com a diretora do programa Metendo Bronca, Marlu Almeida, a violência veiculada tão exaustivamente no informativo policial é editada de modo que não venha a impactar negativamente os telespectadores:

> O Metendo Bronca tem uma linha editorial de apresentar para os telespectadores homicídios, crimes, essa linha de assassinatos, mesmo. Uma linha mais de violência, de mostrar a violência na capital e no interior. E a gente tenta mostrar essa violência, que não é novidade para ninguém, de uma forma que não choque tanto a população. (ALMEIDA, 2012, informação verbal). [10]

[6] De acordo com o site da RBATV, o apresentador "atua há mais de 30 anos na carreira jornalística".
[7] Segundo descrição do site da emissora RBATV, o programa Barra Pesada "é um programa jornalístico-policial que tem como proposta divulgar os acontecimentos da comunidade, além da prestação de serviços de utilidade pública".
[8] Entrevista concedida ao autor pelo gerente de jornalismo da emissora RBATV, Adil Bahia, em 18 de setembro de 2012.
[9] Entrevista concedida ao autor pelo gerente de jornalismo da emissora RBATV, Adil Bahia, ao autor, em 18 de setembro de 2012.
[10] Entrevista concedida ao autor pela diretora do programa Metendo Bronca, Marlu Almeida, em 18 de setembro de 2012.

Assuntos ligados à violência, retratados em diversos meios e veículos locais de comunicação de modo breve e muito próximo à banalidade, adquirem, no programa Metendo Bronca, papel central – a notícia de um assassinato, um estupro, um assalto a banco transformam-se em "prato principal" do dia e são oferecidos aos telespectadores não mais como informação somente, mas como espetáculo.

Discurso e representações sociais

Anos de estudo e pesquisa em diversas áreas do campo da comunicação conceituam o sensacionalismo pelo uso exagerado da linguagem popular, da intensa exposição da violência, utilização exaustiva de carga emocional no jornalismo; sinônimo de imprensa de pouca credibilidade, permissível à distorção da informação, mostrando notícias que despertam sempre mais sensações no público.

No Pará, diversos programas de televisão são encaixados nesse conceito por terem em comum, na estrutura de apresentação da notícia, a presença do entretenimento e a violência de modo marcante e permanente nas edições diárias. Dentre essa vasta programação popular, o programa Metendo Bronca destaca-se por ser um dos mais irreverentes e polêmicos. Apesar disso, a diretora do programa, Marlu Almeida, diz não ver problemas na denominação por que a violência constitui um fato e precisa ser mostrada, mas admite o exagero do programa.

> Não me choca nenhum pouco o rótulo de sensacionalismo, porque a gente faz isso aqui há mais de vinte anos. Não fui eu que provoquei a violência, não sou eu que cometo os crimes, mas eu tenho que mostrar. É um programa da casa, é um programa nosso, é uma linha que a gente assumiu, a gente tem que mostrar. E sensacionalismo tem em qualquer emissora. O que a gente faz aqui as outras fazem, talvez não com esse estardalhaço que a gente faz, porque a gente é um programa popular. (ALMEIDA, 2012, informação verbal). [11]

O jornalismo sensacionalista sobrevive, como qualquer segmento do jornalismo, da novidade. Construir, portanto, um programa do gênero requer esforço constante para apresentar todos os dias as mesmas notícias, os mesmo crimes, com linguagem igual, mesmo recursos técnicos e estrutura textual muito similar à dos dias anteriores, e transformar o corriqueiro em aparentemente inusitado. Essa busca constante por fatos

[11] Entrevista concedida ao autor pela diretora do programa Metendo Bronca, Marlu Almeida, em 18 de setembro 2012.

singulares apresenta alguns problemas. Como salienta Dannilo Oliveira (2008, p. 5), "a novidade, e a relevância, de um tema é parte do compromisso do jornalismo enquanto instituição pública. Porém, a busca por notícias inéditas traz consigo alguns constrangimentos, como a produção de informação sem apuro e sensacionalista".

A autora Rosa Pedroso atenta para essas dificuldades, especialmente no que diz respeito à integração do palavrão e da linguagem coloquial apresentada todos os dias. Para Rosa Pedroso (2001, p. 40), "o jornal sensacionalista exige uma grande capacidade de criação, de percepção, e 'até de invenção' para elaborar a mensagem jornalística, porque a novidade do palavrão é muito difícil de ser mantida, sustentada e renovada a cada edição". A linguagem, no programa Metendo Bronca, não se apresenta na forma do palavrão, mas através de ofensas pessoais, expressões de baixo calão e emissão de opinião e juízo de valor. A observação é ratificada pela afirmação do apresentador do programa Metendo Bronca. Para Joaquim Campos (2012, informação verbal) [12], o erro da televisão foi permitir que ele se expressasse a partir da sua visão de mundo e impressões pessoais. A televisão, segundo o apresentador, "caiu na besteira de me deixar expor a minha opinião. Então o que eu não gosto eu falo, eu chamo os políticos de corruptos, mesmo nessa emissora, que tem um vínculo político". [13]

Para o apresentador do programa Metendo Bronca, a linguagem utilizada por ele faz com que o público perceba-se incluído e representado pela programação. De acordo com o apresentador, o público tem empatia pelo discurso do programa. Como afirma: "Acho que em casa as pessoas também sentem vontade de chamar o mesmo palavrão que eu. Eu acho essa simbiose perfeita" [14]. O uso da linguagem coloquial é, portanto, parte da construção da identidade dos programas sensacionalistas, como afirma a autora Francislene de Paula (2011, p.6) "adjetivos e frases de duplo sentido fazem parte do cenário. Além disso, a linguagem coloquial é levada ao extremo, com o uso de palavrões e gírias". A utilização dessa linguagem popular é onde, segundo Dannilo Oliveira (2012, p.7), "podemos encontrar uma das principais estratégias empregadas pelos apresentadores e repórteres para construir as notícias, interpelar a audiência". Ainda segundo Dannilo Oliveira, é essa identificação mencionada pelo apresentador do programa Metendo Bronca que sustenta a relação de confiança e credibilidade entre telespectador e produto:

[12] Entrevista concedida ao autor pelo apresentador do programa Metendo Bronca, Joaquim Campos, em 18 de setembro de 2012.
[13] (Idem).
[14] (Idem)

> O modo de endereçamento diz respeito ainda aos vínculos que cada um dos mediadores (âncora, apresentadores, comentaristas, correspondentes, repórteres) estabelece com o telespectador no interior do programa e ao longo da sua história dentro do campo jornalístico. Referimo-nos à familiaridade que o mediador constrói no dia-a-dia a sua credibilidade no interior do campo midiático. (OLIVEIRA, 2008, p. 7).

A autora Zaclis Veiga (2002, p.45) fala também sobre a veiculação do sensacionalismo disfarçado de prestação de serviço, de interesse público, e diz que, "na construção da notícia, a busca pelo inédito, pelo melhor espetáculo, travestido de compromisso com a realidade, transforma o agente da notícia em personagem principal, cercado de tensões".

A imprensa sensacionalista, segundo Rosa Pedroso, justifica a existência do conteúdo apelativo pela necessidade que o público tem de consumir violência, demandando maior quantidade de produtos jornalísticos do gênero para suprir essa exigência. Lembra Pedroso, citando Rangel (1981):

> Os editores da imprensa sensacionalista e amarela (marrom para o Brasil) tratam de justificar esse jornalismo, explicando que "isso" é o que o povo gosta. Na realidade, esse tipo de informação não é oferecido para satisfazer os gostos e as exigências do público, mas sim porque consideram a notícia como mercadoria, essa vende mais e permite maior circulação, mais vendas, maiores receitas (RANGEL, 1981, p. 15 apud PEDROSO, 2001, p. 50).

O programa Metendo Bronca segue essa linha de raciocínio e a aposta na exigência do público para construir o conteúdo. Andrezza Anaissi (2012, informação verbal) [15], produtora do Metendo Bronca, afirma, inclusive, que o programa faz sucesso porque "é aquilo que o público telespectador quer". Joaquim Campos, apresentador, vai além e diz que "a população quer mais, aquele sabor de se vingar. Isso também, depois eu descobri, era uma necessidade das pessoas" [16]. Para a autora Francislene de Paula (2011, p.6), "o senso comum, seja dos receptores, seja dos produtores, jornalistas e editores, 'ensina' que: se é para o povo, precisa ser sensacional, causar emoção, transportar o leitor para a história vivida". Logo, é possível depreender, a partir desse raciocínio, que o público procura o sensacionalismo para ver sua realidade retratada.

[15] Entrevista concedida ao autor pela produtora do programa Metendo Bronca, Andrezza Anaissi, em 18 de setembro 2012.
[16] Entrevista concedida ao autor pelo apresentador do programa Metendo Bronca, Joaquim Campos, em 18 de setembro de 2012.

Para Francislene de Paula, no entanto, esse encanto das classes populares pela violência, alegado pelos produtores da imprensa sensacionalista, não é exclusividade da camada menos favorecida financeiramente. A diferença, segundo Francislene de Paula, está na intensidade da exposição da notícia sensacionalista. De acordo com Francislene de Paula (2011, p.5), "o interesse pelo 'mundo cão' não é uma exclusividade das camadas mais pobres. A diferença está na 'lente de aumento'".

Marlu Almeida, diretora do programa Metendo Bronca, reafirma essa relação entre o público e a violência veiculada na emissora:

> Quem assiste a gente é o pessoal que convive nesse meio onde a violência é mais comum, onde as coisas acontecem e é o povo que quer falar. Quando a família perde um ente querido que é bandido, que é assaltante, quer falar: "ah, meu irmão não era bandido, meu filho não era bandido, não era assaltante", "ah, eu quero justiça", e isso vai provocando um certo furor no pessoal que ta lá. E a gente mostra isso. (ALMEIDA, 2012, informação verbal).

Assim, a realidade social apresentada nos programas sensacionalistas e, por consequência, no programa Metendo Bronca, retrata não apenas o meio no qual o telespectador está inserido, com os problemas sociais inerentes, mas também caracteriza personagens comuns aos grupos sociais com menor poder aquisitivo, ou ainda o público consumidor da notícia sensacionalista.

Os jornais sensacionalistas constroem, portanto, o discurso a partir da concepção que têm do gosto do público e das classes sociais com as quais determinados programas se propõem a dialogar. A justificativa para a existência do sensacionalismo é, assim, antes uma estratégia de venda do produto, no caso a notícia com conteúdo sensacionalista, do que a intenção de atender às necessidades do telespectador que deseja estar inserido socialmente por meio da mídia.

A noticiabilidade do crime

Diversos valores-notícias definem todos os dias o que deve ou não ser elevado ao status de notícia, mesmo que os próprios jornalistas não percebam, devido à rotina intensa das redações, de que forma esses critérios se estabelecem. Muitos autores já propuseram inúmeros conceitos para explicar o que é notícia e por que determinados assuntos são considerados mais relevantes que outros a partir dos valores que o acontecimento carrega. Para Márcia Amaral (2006, p. 60 apud JORGE, 2006, p. 3), por

exemplo, a notícia "é a informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas". Os valores-notícias que direcionam e organizam os fatos de acordo com a capacidade de atrair o leitor, telespectador ou ouvinte têm função essencial: não apenas orientam quanto à escolha das informações que chegam às redações como determinam o que a sociedade precisa ou gostaria de saber e o que deverá ser descartado, funcionando, assim, como um crivo, um filtro, selecionando a notícia dentre tantos fatos.

Esses valores, no entanto, não constituem padrões a serem aplicados a todos os veículos de comunicação, muito embora apontem para o mesmo fim, que é a audiência. Fatores como meio, público, linha editorial, vínculos políticos, entre outros, influenciam a seleção da notícia e os critérios de noticiabilidade e fazem com que os valores-notícias variem de um jornal para outro.

O fato, antes de ser notícia, chega às redações por variadas fontes e é função do jornalista saber separá-los. Álvaro Vinente, chefe de reportagem da emissora RBATV, diz que as informações surgem de todos os lados, mas o critério fundamental para definir a notícia, no programa Metendo Bronca, é a importância e o impacto do fato na vida da população.

> Diariamente, na redação, a gente recebe muitas informações, de todos os lados: da população, de entidades, de empresas, de centros comunitários. Tem outras informações que a gente pega por outros telejornais, pelo rádio, através do jornal. Então você recebe uma gama de informações que potencialmente são notícias. E você tem um número limitado de equipes de reportagem. Então você vai definir esse critério para escolher aquele assunto que vai merecer uma reportagem. Eu tenho um critério bem simples. A questão é o seguinte: esse assunto, ele diz respeito a um maior número de pessoas? Quanto maior número de pessoas for atingido por esse fato, maior a repercussão dele junto à sociedade. Então ele merece uma reportagem. (VINENTE, 2012, informação verbal). [17]

No programa Metendo Bronca, as notícias são relacionadas geralmente ao crime, à violência urbana, escândalos, catástrofes naturais, acidentes etc. Os fatos violentos, segundo Álvaro Vinente, precisam ser noticiados uma vez que afetam e dizem respeito a uma grande parcela da população:

> A gente tem feito muito cobertura de assalto com refém porque é um fato chocante, é um fato que qualquer pessoa está sujeita em Belém, a

[17] Entrevista concedida ao autor pelo chefe de reportagem da RBATV, Álvaro Vinente, em 18 de setembro 2012.

> sofrer um assalto e ser refém. E é muito traumático porque envolve não só a vítima, mas os parentes da vítima, os parentes do assassino, a polícia toda é mobilizada, até o bairro onde está acontecendo o fato, o trânsito é interrompido. O assalto com refém é um fato que tem que cobrir. Todo mundo da imprensa cobre porque é um fato de grande repercussão. (VINENTE, 2012, informação verbal). [18]

Os problemas sociais, as injustiças, crimes, a desatenção do Estado que são apresentados diariamente no programa Metendo Bronca se encaixam nos critérios de noticiabilidade, segundo Traquina, por serem a investigação e vigília constantes funções primordiais do jornalismo.

> A infração das leis, a má gestão, o mau comportamento por parte de um funcionário ou qualquer autoridade responsável, e mesmo uma sugestão de impropriedade têm noticiabilidade. Assim, os autores atribuem ao jornalismo uma função de policiamento da sociedade, com particular atenção ao governo, em que o desvio e o crime mobilizam a atenção dos membros dessa comunidade interpretativa. (TRAQUINA, 2006, p. 76).

Traquina (2006) afirma ainda que os crimes, especialmente nos quais há morte, são notícia porque a morte é um valor-notícia fundamental na atividade jornalística. As duas denominações são, inclusive, indissociáveis. De acordo com Traquina (2006, p. 79), "onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão para explicar o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão". A violência introduzida cotidianamente no programa Metendo Bronca assume, também, aspecto da banalidade, da rotina pelo uso exaustivo do conteúdo relacionado, como afirma Traquina:

> O crime é percebido como um fenômeno permanente e recorrente, e assim grande parte dele é observado pelos media noticiosos de uma forma igualmente rotinizada. Muita desta cobertura do crime assinala, no entanto, a transgressão das fronteiras normativas. (TRAQUINA, 2006, p. 85).

Nesse sentido, a curiosidade situa-se no âmago da busca pelas respostas que possam explicar por que as notícias de cunho sensacionalista despertam interesse no leitor, ouvinte, telespectador. Para Marlu Almeida, diretora do programa Metendo

[18] Entrevista concedida ao autor pelo chefe de reportagem da RBATV, Álvaro Vinente, em 18 de setembro de 2012.

Bronca, essa curiosidade em relação à morte e crimes bárbaros, em geral, é própria do telespectador e do jornalista. Os detalhes, assim, são essenciais para saciar o apetite do público por notícias trágicas. Segundo Marlu Almeida (2012, informação verbal) [19], "a violência, todo mundo quer saber. Como foi que o cara morreu, quantos tiros, onde pegou, se a cabeça abriu, se o peito abriu". A noção de força da notícia em razão das particulares exibidas durante o programa Metendo Bronca ganha veracidade a partir da observação que Traquina faz sobre a associação da violência com os valores-notícia.

> O que confere especial atenção às "estórias" de crimes é a mesma estrutura de "valores-notícia" que se aplica a outras áreas noticiosas: um crime mais violento, com um maior número de vítimas, equivale a maior noticiabilidade para esse crime. Qualquer crime pode ficar com mais valor-notícia se a violência lhe estiver associada. (TRAQUINA, 2006, p. 85).

Acontecimentos trágicos encontram no valor-notícia a justificativa para a existência e permanência da notícia sensacionalista no jornalismo, como explica Thaís Jorge, compartilhando do pensamento de Motta:

> Quando algo discrepa (em termos de sua significação), há notícia. Quando alguém mata, rouba, seqüestra, rapta, corrompe, há notícia porque estes atos não são explicáveis de acordo com a nossa moral e a nossa ética, que não passam de "acordos" consensuais. A notícia é o relato de algo sem explicação, é o relato de uma "anormalidade". Quando algo não é compreendido em relação aos conteúdos consensuais do mundo da vida, então há notícia (MOTTA, 2002, p. 15 apud JORGE, 2006, p. 8).

Percebe-se, portanto, que definir notícia é ainda uma tarefa complexa e sujeita a influência de elementos tanto subjetivos quanto comerciais, editorias e políticos, fatores externos de modo geral. Como destaca Traquina (2006, p.96), "não há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre os outros; mas os critérios de noticiabilidade existem, duradouros ao longo dos séculos". Portanto, o conceito sugerido por Márcia Amaral (1982, p.40 apud JORGE, 2006, p. 8), que atribui a Amus Cummings a definição clássica de notícia: 'se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, aí então é notícia, e sensacional'", é ainda um dos mais exatos na tentativa de definir o processo de filtragem da informação.

[19] Entrevista concedida ao autor pela diretora do programa Metendo Bronca, Marlu Almeida, no dia 18 de setembro de 2012.

Considerações finais

A partir da convivência mais densa com o tema, proporcionada pela pesquisa, este trabalho encerra com muitos questionamentos respondidos, mas abre também outras possibilidades de investigação científica posteriores, especialmente no que concerne às alternativas para ressignificar o jornalismo sensacionalista e as funções sociais do produto popular. A experiência da pesquisa diária, aliada às entrevistas, mostrou-se fundamental no sentido de aprofundar o conhecimento a respeito do objeto estudado e compreender os processos de produção do programa Metendo Bronca, sendo esta última contribuição o objetivo maior do trabalho. Nesse sentido, no que diz respeito ao histórico do sensacionalismo na televisão brasileira a pesquisa demonstrou que, desde a criação, em 1998, o programa Metendo Bronca passou por poucas modificações, que em geral se reduziram ao cenário e apresentador, mantendo, deste modo, a mesma linguagem coloquial, formas de apresentação e a linha editorial idêntica à proposta na concepção do produto, sendo, assim, nova réplica de uma antiga fórmula utilizada à exaustão no país.

Entendemos que se torna necessário repensar principalmente a função do jornalismo nesse campo em específico, refletir sobre o que é produzido e sobre os efeitos sociais dessa produção do espetáculo travestido de notícia. Nesse contexto, deve-se salientar a ausência de um papel social construtivo claro no programa Metendo Bronca, que apesar de obter grande influência no meio popular, não desempenha satisfatoriamente os princípios elementares da comunicação social (formação, informação e entretenimento), destacando fundamentalmente o último, cumprindo regularmente o segundo, sem alcançar, contudo, plenamente a primeira e mais importante missão do jornalismo. O sensacionalismo noticiado no programa Metendo Bronca não consegue, portanto, transpor os limites da própria existência; são acontecimentos que se encerram em si sem levar adiante reflexões duradouras e nem mudanças sociais, por menores que sejam. Notou-se ainda, através da pesquisa, que a identificação do telespectador se dá principalmente pela representação de sua realidade social e apresentação de fatos inclusos no cotidiano do telespectador. Outro aspecto interessante observado durante a realização do trabalho diz respeito à visão que o público tem do apresentador e da própria função do programa. Percebeu-se, assim, que a linguagem do programa, no lugar de auxiliar o telespectador, termina por confundi-lo

quanto ao papel social do jornalismo, de modo geral. Na redação do programa Metendo Bronca, por exemplo, chegam, como analisado durante as entrevistas, diversas denúncias com relação à segurança pública; muitas, inclusive, solicitam que o apresentador cumpra função policial que não lhe compete, evidenciando, deste modo, a dissolução dos papéis (jornalista e policial) a partir da visão que o público tem sobre o programa e sobre o apresentador.

É oportuno salientar ainda que o jornalismo sensacionalista necessita bem mais que reformulações superficiais. É importante buscar o sentido do jornalismo enquanto agente de transformação, para além das disputas de audiência; a função do jornalismo comprometido com a cidadania, com os direitos humanos não por medo de processos judiciais, mas por entender a clara privação dos direitos fundamentais do indivíduo, por exemplo. É necessário perceber que no jornalismo, a informação é para todos e não deve ser reduzida a grupos, públicos, classes sociais etc. Tornar clara a informação e priorizar o interesse público é um passo essencial na reconstrução de um jornalismo que sirva para orientar a todos, igualmente.

Referências

AMARAL, Márcia. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ALMEIDA, Marlu. **Metendo Bronca**. Belém, 2012. Entrevista concedida a Byanka Arruda em 18 de setembro de 2012.

ANAISSI, Andrezza. **Metendo Bronca**. Entrevista concedida a Byanka Arruda em 18 de setembro de 2012.

BAHIA, Adil. **Metendo Bronca**. Entrevista concedida a Byanka Arruda em 18 de setembro de 2012.

BARRA Pesada. Disponível em: < http://www.tvrba.com.br/barra.php>. Acesso em: 18 de junho de 2012.

CAMPOS, Joaquim. **Metendo Bronca**. Belém, 2012. Entrevista concedida a Byanka Arruda em 18 de setembro de 2012.

DE PAULA, Francislene. **Jornalismo Popular e Representações Sociais**: sensacionalismo, espetacularização e Estereotipagem. In: XVI Congresso de Ciências

da Comunicação na Região Sudeste, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0749-1.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2012.

DUARTE, Marcia. Estudo de caso. In: BARROS, Antônio; DUARTE, José. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas S.A, 2005. p. 215-235.

FERREIRA, Aurélio. **Miniaurélio Século XXI Escolar:** O minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

JORGE, Thaís. A **notícia e os valores-notícia**: O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. **UNIrevista**, v. 1, n. 3, junho, 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Jorge.pdf >. Acesso em: 31 de março de 2012.

METENDO Bronca. Disponível em < http://www.tvrba.com.br/m_bronca.php>. Acesso em 06 de maio de 2012.

OLIVEIRA, Dannilo. **Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira**. Disponível em: <http://www.tverealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Dannilo%20Duarte.pdf >. Acesso em: 30 de abril de 2012.

PEDROSO, Rosa. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VEIGA, Zaclis. **Telejornalismo e Violência Social:** A construção de uma imagem. São Paulo: Pós-Escrito, 2002.

VINENTE, Álvaro. **Metendo Bronca**. Entrevista concedida a Byanka Arruda em 18 de setembro de 2012.